

Lotação aumenta mortes em hospitais do Rio

Índice que era de 46% em 1993 subiu em dois anos para 53%, de acordo com levantamento

EDMILSON SILVA

RIO — As pessoas internadas nos grandes hospitais do Rio estão morrendo mais rapidamente por causa da sobrecarga de pacientes nos setores de emergência. A conclusão faz parte de um estudo recém-concluído pelo diretor do Hospital Municipal Miguel Couto, Paulo Pinheiro. Segundo ele, a quantidade de pacientes que morrem, menos de 48 horas depois da internação, passou de 46,89%, em 1993, para 47,21%, no ano passado, e subiu para 53,05%, em 1995.

Paulo Pinheiro apresentou o estudo ontem, no primeiro dia do 5º Congresso dos Hospitais de Emergência do Rio de Janeiro. O encontro termina hoje e reúne 1.800 profissionais especializados nesse tipo de atendimento.

Violência — “Além da sobrecarga, as pessoas cada vez chegam em estado mais grave, em razão da violência”, explicou Pinheiro. “Os pacientes também não são atendidos em seus locais de origem e acabam gastando muito tempo para dar entrada no hospital”, disse diretor do Hospital Miguel Couto.

Os pacientes que sofrem aci-

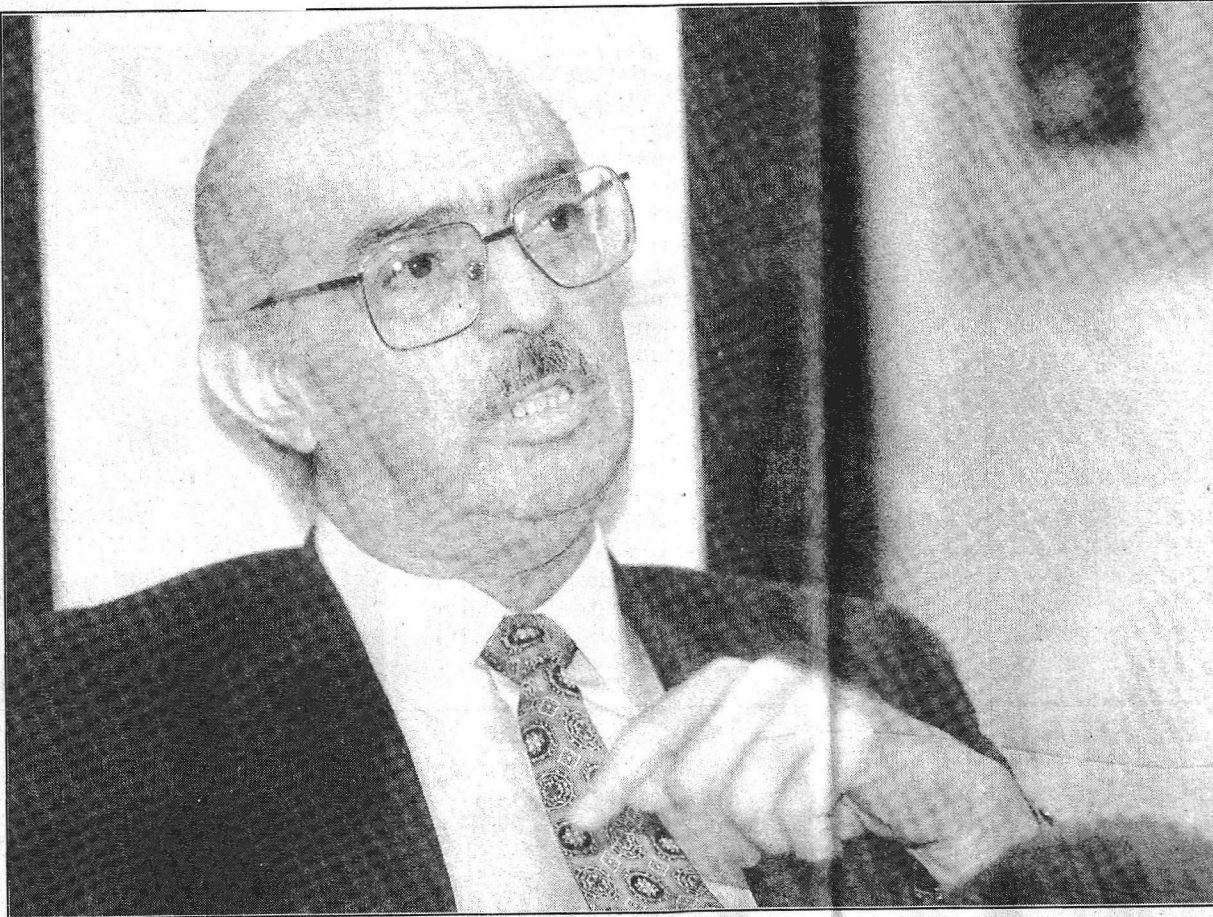
dente vascular cerebral (AVC), por exemplo, em 1994 morriam, em média, 11,5 dias depois da internação. Este ano, eles morrem quatro dias depois de terem dado entrada no hospital. Pinheiro constatou que 80% dos 8 mil pacientes que procuram, diariamente, as emergências dos

grandes hospitais do Rio teriam que ser atendidos em ambulatórios.

A situação vivida pelo Miguel Couto é semelhante a de outros hospitais de emergência da cidade, como o Souza Aguiar, o Salgado Filho e o Getúlio Vargas. Apenas até outubro deste ano, o

Miguel Couto já havia batido todos os recordes de atendimento dos últimos 12 anos: 208 mil pacientes passaram por consultas ambulatoriais. Foram também realizadas 5.100 cirurgias e 10.160 internações.

Entre as soluções prioritárias para evitar a sobrecarga das



Ministro Adib Jatene: fim da sobrecarga na área da saúde só virá com aprovação de novo imposto

emergências, de acordo com o presidente do Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro (Cremerj), Mauro Brandão, estão a hierarquização dos serviços de saúde no Estado e a criação de uma central no Corpo de Bombeiros para administrar a distribuição dos pacientes politraumatizados.

Jatene — Essas e outras soluções estão no projeto Normatização dos Serviços e Reorganização do Subsistema de Emergência do Estado do Rio de Janeiro, entregue ao ministro da Saúde, Adib Jatene, que fez a palestra de abertura do seminário.

Jatene condicionou o fim da sobrecarga dos setores de emergência e de outros problemas da área da saúde a aprovação, pela Câmara dos Deputados, da Contribuição Provisória Sobre Movimentação Financeira (CPMF), que obteve o sim dos senadores anteontem.

O ministro criticou os opositores do imposto. Segundo Jatene, eles alegam que os recursos a serem captados acabarão sendo tragados pela corrupção. Para Adib Jatene, este não será mais um imposto e sim uma contribuição social.

Para Jatene, só com a reestruturação financeira do sistema é que o quadro da saúde poderá melhorar no País. O objetivo do ministro é aumentar dos atuais R\$ 80 para R\$ 320 o investimento por pessoa a cada ano no Brasil no setor de saúde.